

REDES SOCIAIS VIRTUAIS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO AFRO-BRASILEIRO E DO AFRO-AMERICANO

Vagner Aparecido de Moura

Bolsista Doutorado do CNPq do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais pela PUC-SP e Mestre em Língua Portuguesa pela PUC-SP. Graduando em Ciências Sociais pela UNIFESP, Graduado em Informática com Ênfase em Gestão de Negócios pela UNESP, em Letras pela UNICID, em História pela UNIMES e em Gestão de Negócios Internacionais pela UNINOVE. e-mail: moura_vagner@ig.com.br.

Resumo

O artigo propõe um estudo netnográfico, baseados nos pressupostos teóricos de FALABRETTI (2010), GUATTARI (1992), MERLEAU-PONTY (1999, 2002, 2006) e SANTAELLA (2004, 2007, 2010, 2011), acerca da construção de identidade do afrodescendente no Brasil e nos EUA nas redes sociais. Para logarmos êxito, nesta empreitada, serão extraídas categorias de análise fenomenológicas da obra M-P, mais especificamente a fenomenologia da percepção e a estrutura do comportamento, as quais nos permitem realizar um estudo comparativo da constituição de identidades do afro-brasileiro e do afro-americano nas redes sociais.

Palavras-chave: redes sociais; racismo; identidade.

Abstract

The current paper proposes a nethnographic study, based on theoretical embasament of FALABRETTI (2010), GUATTARI (1992), MERLEAU-PONTY (1999, 2002, 2006) and SANTAELLA (2004, 2007, 2010, 2011) about the construction of identity Africandescent in Brazil and the United States on social network. In order to succeeded, in this research, will be extracted categories of phenomelological analysis from MP project, specifically the Phenomenology of perception and the structure of behavior, which allows us to do a comparative study of identity construction of the African-brazilian and African-american on the social network.

Keywords: social network; racism; identity.

Resumen

El artículo propone un estudio netnográfico, basados en los presupuestos teóricos de FALABRETTI (2010), GUATTARI (1992), MERLEAU-PONTY (1999, 2002: 2006) y SANTAELLA (2004:2007: 2010:2011), sobre la construcción de identidad del afrodescendiente en el Brasil y en los Estados Unidos. Para tenermos éxito, en esta pesquisa, serán extraídas categorías de análisis fenomenológicas del trabajo M-P, específicamente la fenomenología de la percepción y la estructura del comportamiento, las cuales nos permiten realizar un estudio comparativo de la constitución de identidades del afro-brasileño y del afro-americano en las redes sociales.

Palabras clave: redes sociales; racismo; identidad

Considerações iniciais

A percepção do Outro torna-se, na contemporaneidade, um desafio em virtude da fluidez da linguagem, do recrudescimento das tecnologias em prol de uma comunicação sem fronteiras onde o processo de desterritorialização e reterritorialização torna-se prosaico para alguns internautas que não percebem que há uma dialética entre a interface da tela do computador e o usuário do outro lado. Em um primeiro momento, temos a uma impressão de que estamos sozinhos, visto que o processo de interação entre os enunciadores e coenunciadores é mediado por uma máquina, mas não devemos nos enganar, pois somos seres sócio-históricos, sendo assim, o mundo, estruturado por meio de suas idiossincrasias, está arraigado em nosso ser de forma outorgada guiando-nos no processo de interação e percepção do Outro.

Nesse processo de percepção do Outro, principiei a questionar-me sobre a temporalidade versus atemporalidade na sociedade complexificada pelas novas tecnologias e refleti que a atemporalidade “causa-me contentamento e um sentimento de liberdade, uma vez que rompe com a linearidade/cronologia de nossa trajetória: nascimento, vivacidade e declínio... fases que nos consomem, quando não logramos êxito em uma de suas fases. Em contrapartida, com atemporalidade, podemos mesclar, sofrer, perder a noção de cronologia e assim auferir um sentimento de paz imbricada com a felicidade momentânea, produto da sociedade complexificada pelas novas tecnologias. Além disso, não há diferença entre o novo/velho, outdate/update, bonito/feio, já que construímos o nosso tempo e nossa história, quando nos desprendemos de nossos fantasmas e de uma pseudo-convicção de que o estável é o melhor. (grifos meus)

Tal reflexão levou-me ao seguinte questionamento: se atemporalidade possibilita-nos novas construções, como o afro-brasileiro - produto de uma historiografia que sempre o subjugou e de maneira sutil articulou o seu apagamento da memória social do país, em virtude do processo de embranquecimento da nação - constitui-se nesta nova esfera mediática: redes sociais, blogs etc.

Partindo dessa diretriz, o artigo propõe um estudo netnográfico, baseados nos pressupostos teóricos de FALABRETTI (2010), GUATTARI (1992), MERLEAU-PONTY (1999:2002: 2006) e SANTAELLA (2004:2007: 2010:2011), acerca da construção de identidade do afrodescendente no Brasil e nos EUA nas redes sociais. Para logarmos êxito nesta empreitada serão extraídas categorias de análise fenomenológicas da obra M-P, mais especificamente a fenomenologia da percepção e a estrutura do comportamento, as quais nos permitem realizar um estudo comparativo da constituição de identidades do afro-brasileiro e do afro-americano nas redes sociais.

Construção de identidade do afrodescendente no Brasil e nos EUA nas redes sociais

“... se deixarmos de tratar do racismo hoje sem nos interrogarmos sobre o papel das mídias, não teremos certeza de que elas mereçam um julgamento sistematicamente crítico, insistindo em seu papel na produção e na difusão do ódio ou dos preconceitos racistas”. (WIEVIORKA 2007, p.12)

Dessa forma, não podemos examinar o racismo contemporâneo sem nos indagar acerca da influência eventual das mídias na progressão, na difusão, como também na regressão do fenômeno. Em certos casos, segundo WIEVIORKA (2007, p.117), “as mídias se inscrevem em uma lógica direta da produção ou de coprodução do racismo, em particular quando as exigências do scoop¹, da informação espetacular, podem constituir um encorajamento ao racismo e, por exemplo, dar aos atores racistas um peso, uma visibilidade e uma eficácia multiplicados”. E ressalta que, além disso, “diversos estudos mostraram que as mídias suscitam condutas por imitação, no domínio do racismo como em outros”. Partindo dessa premissa, pretendemos, por meio da netnografia, desvelar o Outro (afrodescendente) nas redes sociais virtuais, ancorados por categorias de análises discutidas nos estudos fenomenológicos de MERLEAU-PONTY: intersubjetividade, pré-reflexivo, simbolismo, percepção, corpo e linguagem.

Situando a netnografia:

Identidade do afrodescendente no Brasil

No dia 11 de outubro de 2011, navegando pelas redes sociais virtuais – locus compreendido como espaço cognitivo em que os cérebros dos usuários recebem informação e constituem os seus pontos de vista por intermédio de um processamento de signos lingüísticos, culturais e da sociedade no seu conjunto, deparei-me com o seguinte blog nas redes sociais – *Observatório do Racismo Virtual* – espaço destinado, de acordo com seu mediador, Agnaldo Neiva, baiano, sociólogo e especialista em ensino a distância, é discutir o fato de que imagem do afro-brasileiro nas redes sociais e outros espaços midiáticos digitais ainda possui uma rubrica da invisibilidade, da exclusão e do estereótipo do afrodescendente na sociedade brasileira contemporânea.

REDES SOCIAIS VIRTUAIS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO AFRO-BRASILEIRO E DO AFRO-AMERICANO



Fonte: <http://observatoriodoracismovirtual.blogspot.com>

Ao navegar pelo blog, percebi que para compreendê-lo, ou seja, para compreender o Outro por meio dessa interface, há necessidade de recorrermos às categorias de análise:

intersubjetividade, pré-reflexivo, simbolismo, percepção, corpo e linguagem.

Entendemos intersubjetividade como um fenômeno estrutural o qual temos a possibilidade de experimentar uma unidade desencadeada e vivenciada por duas subjetividades. A intersubjetividade leva-nos a segunda categoria de análise o pré-reflexivo a qual nos impele a refletir acerca de mito da democracia racial oriundo do fato de que a presumida inexistência de uma linha de cor no país, os brasileiros são, na verdade, “diferenciados e definidos pela sociedade com base na tonalidade de sua pele, tal como em países que também foram colonizados por portugueses, como Cabo Verde na África”. (ROUSSEAU & REESE 2009, p.119).

Sob a rubrica da democracia racial, os grupos dominantes, no Brasil, perpetuam e legitimam o racismo, segundo LEONE *et al* (2005, p.589), “nos níveis local e estadual ao identificar diferenças e justificar a desigualdade como algo cultural e econômico em vez de racial”. LEONE *et al* (2005, pp.589/590) ressaltam que “a democracia racial constroi um tipo de racismo que desconhecido e despercebido por muitos brasileiros e contra o qual é difícil de lutar, na medida em que ele tenta apagar a cor da pele como um significante social”.

A democracia racial, na contemporaneidade, é posta em xeque, no entanto, existe uma ampla defesa a seu favor. ROUSSEAU & REESE (2009, p.122) argumentam “que a ideia da democracia racial está tão arraigada na cultura brasileira que muitos simplesmente desprezam, o fato de que racismo existe”. Tais pessoas optam por simplesmente assumir o que cognominamos a capa da invisibilidade, esta possibilita ao cidadão esconder inclusive de si mesmo a sua real condição no continuum racial de cores. É relevante apontarmos que essa ambigüidade racial permite ao cidadão continuar, psicologicamente, invisível para si mesmo de maneira a ignorar as diferenças sociais, construídas com base na aparência. Esse processo impele o cidadão a não perceber, segundo ROUSSEAU & REESE (2009, pp.122/123), “fatos presentes na maioria das sociedades, especificamente os relacionados às hierarquias nas distinções de raça e classe”.

Por conseguinte, podemos inferir que a democracia racial, enviesada pela capa da invisibilidade, “tornou-se a fachada de uma cegueira articulada nacional em relação às diferenças raciais no Brasil”. (ROUSSEAU & REESE 2009, pp.122/123). Esse contexto implicou aos negros brasileiros a ausência de liberdade, de reconhecimento da sua condição em relação à nacionalidade brasileira, uma vez que os negros sofrem os antagonismos de um racismo escamoteado, à medida que são motivados/estimulados a refutar, a desprezar e a não reconhecer sua origem e seu pertencimento étnico-racial, ao mesmo tempo em que sofrem o racismo. Juntamente a essa construção ideológica da democracia racial, o Brasil, ao pretender substituir a identidade racial por uma cultura nacional, “falhou em erradicar o racismo e logrou envergonhar, corromper e oprimir a cultura afro-brasileira”. (ROUSSEAU & REESE 2009, p.135). O mito da democracia racial, conforme MUNANGA

(2004, p.25), bloqueou, durante anos, o debate acerca das políticas de ação-afirmativa e, paralelamente, “o mito do sincretismo cultural ou da cultura mestiça (nacional) atrasou também o debate nacional sobre a implantação do multiculturalismo no sistema educacional brasileiro”.

Além disso, o espaço midiático desempenha um papel fulcral na produção e manutenção do racismo, por intermédio dos meios de comunicação, particularmente dos meios de massa: televisão, rádio e internet, locus em que as desigualdades raciais são naturalizadas, banalizadas e várias vezes racionalizadas. RAMOS (2002, p. 08) salienta que “em que grande medida, por meio da mídia de massas as representações raciais são atualizadas e reificadas. E dessa forma “coisas” circulam mais ou menos comuns a toda a sociedade e como ideias mais ou menos sensatas”.

Nesse simulacro de naturalização e de banalização das relações raciais no Brasil, cabe a nós – cidadãos afro-brasileiros – sermos cômicos de que o racismo, de acordo com MUNANGA (2004), na sociedade contemporânea, não prescinde mais do conceito de raça ou da variante biológica, visto que o racismo reformula-se alicerçado nos conceitos de etnia, diferença cultural ou identidade cultural, não obstante, as vítimas são as mesmas de outrora e as raças de outrora são as etnias de hoje. MUNANGA (2004, p.30) pondera que:

O que mudou na realidade são os termos ou conceitos, mas o esquema ideológico que subentende a dominação e a exclusão ficou intacto. E por isso que os conceitos de etnia, de identidade étnica ou cultural são de uso agradável para todos: racistas e antirracistas. Constituem uma bandeira carregada para todos, embora cada um a manipule e a direcione de acordo com seus interesses.

Tal jogo de interesse possibilita-nos a observar, na sociedade brasileira contemporânea, que o racismo manifesta-se, geralmente, em conjunturas de forte desigualdade hierárquica que engendra, de acordo com GUIMARÃES (2004), uma combinação de discriminação com base nos estereótipos mais irracionais juntamente com as desigualdades sociais extremas que legitimam a rubrica característica ao nosso sistema de relações raciais que favorece a invisibilidade de sua própria natureza perversa. GUIMARÃES (2004, p.13) assevera que “a discriminação em nosso país vem sempre acompanhada pela arbitrariedade e pela violência aos mais elementares direitos de cidadania”.

Com a finalidade de corroborar a reflexão, seguem, abaixo, exemplos extraídos das redes sociais:

- a) Skinhead agride negro e mulher em metrô de São Paulo disponível no sitio²:
- b) Miss brasileira sofre racismo na internet (o caso refere-se a uma modelo baiana, descendente de italianos, que ganhou concurso mundial como a mais bela representante

REDES SOCIAIS VIRTUAIS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO AFRO-BRASILEIRO E DO AFRO-AMERICANO

da Itália no mundo³).

Em contrapartida, encontramos este movimento antirracista no Facebook:



Disponível em: <http://www.facebook.com/pages/No-al-RACISMO/58818447926>

Por meio desse percurso da análise netnográfica, podemos compreender a percepção do Eu (afro-brasileiro) e a percepção do Outro no processo de construção de identidade do afro-brasileiro. Sendo assim, a percepção do Eu do afrodescendente brasileiro perpassa:

- a) a ausência de liberdade para privilegiar a sua cidadania em relação à nacionalidade brasileira e;
- b) vivencia o antagonismo do racismo brasileiro: escamoteado, à medida que é motivado/estimulado a refutar, a desprezar a raça, ao mesmo tempo em que sofre o racismo.

Em relação à percepção do Outro, observamos a ausência de conflitos, ou seja, de embates entre as raças (entendemos por raça, neste contexto, como constructo sociológico e uma categoria social de dominação e de exclusão), uma vez que em seu pré-reflexivo o mito da democracia reforçou/legitimou a harmonia, a miscigenação e o sincretismo cultural entre as raças. Segue abaixo uma imagem simbólica que corrobora a assertiva:



Fonte: <http://reginauro.blogspot.com>

Logo, podemos depreender que a identidade cultural do afro-brasileiro, não recebe sentido pelo discurso, mas é inteiramente construído pelo discurso, o qual é enviesado por relações de poder, por conflitos, por tensões que implicam a população negra brasileira a construção de uma identidade fragmentada vivida pelo negro, uma vez que, ao longo da história, as classes dominantes sempre manipularam as relações raciais no Brasil, com a finalidade de apagar os sinais diacríticos da cultura negra: língua, território, cultura no processo de formação da sociedade brasileira.

Identidade do Afro-americano

Para discutirmos a identidade do afro-americano, devemos, em primeiro momento, refletir, por intermédio da categoria de análise o pré-reflexivo o termo miscigenação. Segundo ROUSSEAU & REESE (2009, p.120), o termo miscigenação nos Estados Unidos:

Havia tornado-se uma referência às relações sexuais ilegais entre senhores brancos e suas escravas negras. De fato, foi durante a escravidão que os proprietários de terra e detentores de poder político começaram a responder, na esfera legal, à mistura de raças. Eles conheciam o perigo que esses fenômenos representavam nas esferas financeiras, social e legal. Para esses homens brancos, a miscigenação era perigosa devido ao fato de que os indivíduos mestiços – fruto, geralmente, das relações entre senhores e escravas – ameaçavam desfazer rígidas fronteiras entre negros e brancos.

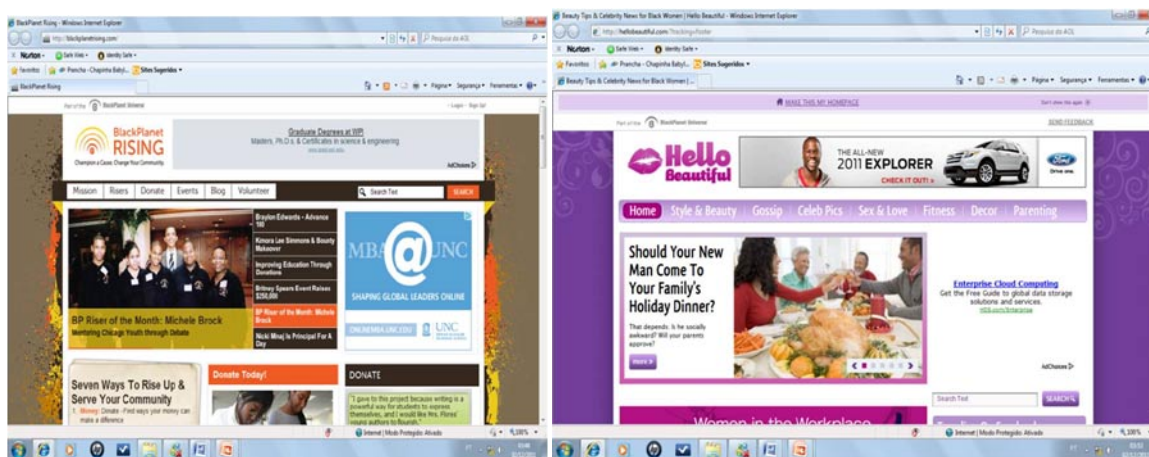
Para conter o crescimento de mestiços, o Congresso Americano aprovou, de forma imediata, após a Guerra Civil (1861-1865), leis as quais eram conhecidas como códigos negros (Black codes). Tais códigos tinham a finalidade de solucionar problemas econômicos dos libertos americanos que se encontravam proibidos de votar nos Estados Unidos. JOHN HOPE (1988; 2006 apud ROUSSEAU & REESE 2009) ressalta que

REDES SOCIAIS VIRTUAIS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO AFRO-BRASILEIRO E DO AFRO-AMERICANO

Essa legislação garantiu, porém, foi a existência de uma mão-de-obra dócil na região e manutenção dos negros em status inferior. As leis que garantiam determinadas liberdades eram contraditórias. Por exemplo, os negros podiam impetrar processos judiciais, assim como ser processados, mas não estavam autorizados a atuar como jurados ou a testemunhar contra brancos. As leis que pareciam assegurar a negros alguns direitos trabalhistas, na verdade, acabaram por forçar os afro-americanos a assinar contratos de trabalho com fazendeiros brancos em condições que em outras circunstâncias, os negros não teriam aceitado. A permissão dada a negros para possuir, comprar e vender propriedades tendiam a existir mais na teoria do que na prática. Já a legislação que estabelecia a existência de escolas, trens, hotéis e restaurantes interraciais entre negros e brancos – foram estritamente proibidos. Por fim, cabe dizer que os códigos negros tinham suporte da violência empreendida pela Ku Klux Klan. De acordo antes da Guerra Civil e dificilmente podem ser considerados como medidas que respeitavam os direitos dos negros como pessoas livres.

No entanto, na contemporaneidade, em virtude das conquistas dos afro-americanos, ao longo dos anos, por isonomia entre negros e brancos na sociedade estadunidense, percebemos que Eu do africano-americano é alicerçado na consciência de seu papel na sociedade, na valorização dos sinais diacríticos com o intuito de demarcar a alteridade no processo de mediação tanto no espaço midiático quanto no cotidiano. Logo, a percepção do Outro, do ponto de vista das relações raciais na sociedade brasileira, está atrelado a uma população afrodescendente que não sofreu o antagonismo de um racismo escamoteado e as influências de uma construção sócio-histórica do mito da democracia racial, visto que os embates interraciais demarcaram a linha de cor entre as raças, desta forma, corroborando alteridade, a cultura híbrida e a manutenção dos sinais diacríticos.

Tal fato é observado nas redes sociais com o site Black planet⁴- site da comunidade afro-americana. Seguem, abaixo, imagens do site:



Disponível em: <http://www.blackplanet.com>

Nessa rede social, os sites que se destacam são de relacionamento, de atualidade, de religião e de espiritualidade e o direcionado ao público feminino. O perfil dos usuários correspondem a 34,4% homens, 65,6% mulheres, idade média 32 anos, nível universitário 64,5%, afro-americano 88%. Devemos pontuar que é uma comunidade que discute várias temáticas e também é um espaço para divulgação de trabalhos tanto na área corporativa como na área de entretenimento e para o estabelecimento de redes de contatos em termos profissionais.

Considerações finais

Eu ando pelo mundo, prestando atenção em cores. Que eu não sei o nome cores de Almodóvar, cores de Frida Kahlo, Cores! Passeio pelo escuro, eu presto muita atenção, no que meu irmão ouve, e como uma segunda pele, um calo, uma casca. Uma cápsula protetora. Ai, Eu quero chegar antes, para sinalizar, o estar de cada coisa, filtrar seus graus... Eu ando pelo mundo, divertindo gente, chorando ao telefone e vendo doer a fome, nos meninos que têm fome... Pela janela do quarto, pela janela do carro, pela tela, pela janela. Quem é ela? Quem é ela? Eu vejo tudo enquadrado, Remoto controle (ADRIANA CALCONHOTO).

É andar pelo mundo é um processo que engendra ao individuo um descentramento de sua psique equilibrada, racional e objetiva perante os fatos que o subjugam em um pseudo- remoto controle, a partir do momento em que percebemos, na modernidade, que a tela do computador foi criada para ter uma perspectiva planimétrica que, segundo MERLEAU PONTY (2002, p.186), “dar-nos-ia finitude de nossa percepção, projetada, achatada, tornada prosa sob o olhar de um deus”, no entanto, os meios de expressão potencializados pelas novas mídias possibilitam aos usuários romper com a finitude, uma vez que o gesto criador “dar-nos-ão a ressonância secreta pela qual nossa finitude abre-se ao ser do mundo e faz-se poesia” em uma esfera em que a demarcação do espaço é oriundo de etapas que emanam de um enviesamento do mundo exterior e do interior quando navegamos nas redes sociais.

Devemos ressaltar que tal processo envolve o internauta em suas múltiplas facetas, e, por isso, posso depreender que do ponto de vista, espaço e tempo, os internautas (afro-brasileiros) estudados têm em comum uma identidade fragmentada, em virtude de um processo histórico dominante que o subjugou por meio do processo de aculturação, da ideologia do embranquecimento e, por fim, da rubrica do multiculturalismo os sinais diacríticos (língua, território, cultura, religião). Tal processo, na sociedade brasileira contemporânea, é legitimado com a construção do pseudo mito da democracia racial e da valorização do multiculturalismo que impeliu o afro-brasileiro a vivenciar um racismo escamoteado, à medida que é incentivado a refutar sua matriz africana ao mesmo tempo que sofre o racismo.

Por conseguinte, podemos notar em relação aos afro-brasileiros a ausência de visibilidade e demarcação de espaço no processo de alteridade nas redes sociais, já que estão dispersos e preferem, às vezes, nesta esfera midiática, a invisibilidade por temer as implicações de um racismo silencioso e perverso, por outro lado, percebemos, ao navegar no site Black Planet, que os afro-americanos são cômicos de sua história, de seus sinais diacríticos conduzindo-os a demarcar o seu espaço no processo de alteridade para constituir-se como sujeito nas múltiplas possibilidades que as novas mídias proporcionam aos usuários na contemporaneidade.

Referências bibliográficas

- BENVENISTE, E. *Problems in general linguistic*. Miami, University of Miami Press, 1971.
- DESCARTES, R. *Discurso do método: As paixões da alma: Meditações metafísicas: Objeções e respostas*. 5 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores)
- DELEUZE, G. *A dobra, Leibniz e o barroco*. Trad. Luiz B. L. Orlandi. Campinas, Papirus, 1991.
- DOMÈNECH, M.; TIRADO, F e GÓMEZ, L. “A dobra: psicologia e subjetivação”. In: SIVA, Thomas Tadeu da (Org. e trad). *Nunca fomos humanos. Nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001, p.111-136.
- FALABRETTI, E. *A presença do Outro: Inter-subjetividade no pensamento de Descartes e de Merleau-Ponty*. Revista Filos. Aurora, Curitiba, v.22, n.31, jul-dez 2010, p.515-541.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1986
- GUATARRI, F. *Caosmose. Um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e LEÃO, Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro, Editora 34, 1992.
- GUIMARÃES, A. S. A. *Preconceito e discriminação*. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo/Editora 34, 2004.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *A prosa do mundo*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- _____. *A estrutura do comportamento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MUNANGA, K. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Cadernos Penesb, Niterói, Editora da UFF, no 5, 2004. pp.15/34
- RAMOS, S. *Mídia e racismo*. Rio de Janeiro: Pallas 2002.
- ROSE, N. “Inventando nossos Eus”. In: SILVA, Thomas Tadeu da (org. e trad). *Nunca fomos humanos. Nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001, p.137-204.
- ROUSSEAU, N; REESE, L.T.L. *Branqueamento uma nação para civilizá-la: fragmentando o mito da raça no Brasil*. In: VIEIRA, V. R.; JOHNSON, J. (orgs). *Retrato e Espelho: raça e etnicidade no Brasil e nos Estados Unidos*. FEA/USP, 2009.
- SANTAELLA, L. *Corpo e comunicação. Sintoma da cultura*. São Paulo: Vozes 2004.
- _____. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus 2007.

_____. *A ecologia pluralista da comunicação. Conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. *Percepção, Fenomenologia, ecologia, semiótica*. São Paulo: Cengage Learning 2011.

SILVA, Tadeu. *O sujeito da educação*. Petrópolis: Vozes, 2000

SILVA, Vagner G. *Memória afro-brasileira: caminhos da alma*. São Paulo: Summus, 2002.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOUZA, N. S. *Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

VILLAÇA, Nízia. *Em pauta-Corpo, globalização e novas tecnologias*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

WIEVIORKA, M. *O Racismo, uma Introdução*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Notas

¹ Gíria de imprensa – furo jornalístico. (N da T)

² Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/multi/?hashId=imagens-flagram-agressao-de-skinhead-a-negro-em-metro-de-sp-04024D1A356CE4892326&mediaId=12196545> ou <http://www.youtube.com/watch?v=uWRUhsfWeIg>

³ Disponível em: http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=ZPz86PqtGJ8

⁴ Disponível em <http://www.blackplanet.com>